



Israel massacra e mutila famílias inteiras, estupra e tortura prisioneiros, expulsa palestinos e rouba suas terras, enquanto governos e empresas no mundo todo continuam financiando e fazendo negócios com o estado genocida.

Os candidatos de esquerda se calam ou lançam palavras de forma inconsequente sobre o genocídio, mas *não fazem nada para organizar as massas para estrangular o sionismo em nosso país*

As massas exploradas e oprimidas precisam impor, com sua força coletiva e a luta de classes, que o governo Lula rompa imediatamente todas as relações com Israel!

Manifesto PPRI

Vão fazer 11 meses, desde que se elevou a terrível violência de décadas sobre os palestinos a um genocídio sem precedentes em Gaza e se transformou a Cisjordânia em campo de concentração a céu aberto. Mulheres e crianças são alvo de assassinatos premeditados. Escolas e campos de refugiados são bombardeados, esmagando centenas de palestinos toda semana. Comida e medicamentos são impedidos de entrar em Gaza, para levar milhares de palestinos à morte por fome ou doenças. A vida, em meio aos escombros e com mais de 80% da infraestrutura e serviços destruídos em Gaza, leva a que apareçam doenças já erradicadas pelo desenvolvimento da ciência médica. Continuam os pogroms contra palestinos e os encarceramentos em massa contra os que decidem resistir à expulsão

de suas terras ancestrais. As prisões sionistas estão abarrotadas de prisioneiros, que vivem sob tortura, estupros e abusos, que levam à morte pela fome ou por doenças psicológicas e físicas provocadas. O genocídio adquiriu escala industrial, e seus métodos são impulsioneados e incentivados por boa parte da população israelense e dos estados burgueses.

A Corte Internacional de Justiça (CIJ) e a ONU acusaram Israel por genocídio e limpeza étnica. Exigem embargos e medidas práticas dos governos, para impor um cessar-fogo imediato. Essas palavras e resoluções se mostram nulas, diante da proteção e impunidade que a maioria dos governos burgueses do mundo todo dão ao estado fascista e genocida de Israel. Por isso, não surpreende que militares que cometeram assassinatos, roubo, torturas e estupros partici-

pem como atletas nas olimpíadas, e não sejam presos ou expulsos. Por isso, não surpreende que alguns governos hipocritamente condenem os massacres, falem de cessar-fogo ou inclusive suspendam o envio de algumas armas, enquanto continuam financiando e apoiando os genocidas que se orgulham de sê-lo.

A burguesia mundial precisa do sionismo instalado como estado armado na região, como instrumento para impor seus interesses monopolistas e sua dominação de classe por todo Oriente Médio. Assim como o nazismo no passado, o sionismo é um produto direto da decomposição do capitalismo, que precisa destruir forças produtivas e parcelas da força de trabalho, submetendo os países semicoloniais à mais brutal opressão, para sugar suas riquezas e lucros arrancados violentamente por

continua |>

meio da exploração das massas oprimidas. Os sionistas sabem que serão protegidos pelos governos imperialistas e podem dizer, abertamente, que os palestinos devem ser expulsos e exterminados; que matar crianças e mulheres é moralmente aceitável, para impedir o surgimento de “novos terroristas”; que é moral a tortura e estupro de presos; e ainda podem ser aplaudidos e recebidos com honras no Congresso dos EUA e nos países europeus. Isso explica, todavia, porque a esmagadora maioria dos governos burgueses continua enviando a Israel mais bombas, dinheiro e suprimentos, que permitem estender o holocausto atual a todos os palestinos.

O Brasil exporta para Israel petróleo, que move os tanques e aviões que trucidam vidas palestinas. Nas universidades, continuam existindo os convênios com as instituições israelenses que desenvolvem tecnologia a serviço dos massacres. O comércio militar do Brasil com Israel não foi cancelado. E os diplomatas e agentes sionistas de nosso país impõem ao governo e às instituições, perseguir, ameaçar e prender todos os que defendem o fim do genocídio. Nas últimas semanas, houve ações organizadas ou promovidas pelo sionismo, de expulsão de palestinos do país, ataques físicos e perseguições judiciais contra ativistas pró-Palestina, mostrando o quanto os sionistas e seus aliados sentem-se à vontade para intervir na vida e na política interna do país, sem qualquer reprovação ou freio da parte dos governos e das instituições.

Os candidatos às eleições da frente ampla burguesa de Lula/Alckmin se silenciam ou desviam a atenção da cumplicidade do governo quanto ao genocídio, porque buscam os votos da direita e o financiamento de setores do sionismo para suas campanhas eleitorais. Quando o governo toma medidas conjunturais, como a suspensão de contratos, ou algum dos

candidatos governistas fala do genocídio, o fazem, ou sob pressão das massas que são favoráveis à ruptura com Israel, ou para chamá-las a votar em seus candidatos. Entretanto, se mantêm a compra de armas e tecnologia, os acordos acadêmicos e a compra e venda de produtos israelenses, e inclusive se pagam os juros e serviços da dívida externa, atacando os salários e direitos, para que os imperialistas possam sugar riquezas e voltar parte delas para sustentar Israel.

Os explorados e oprimidos não têm qualquer compromisso com esses interesses, nem a grande propriedade a ser defendida, são a força social capaz de levar as denúncias contra o genocídio ao campo da luta e solidariedade internacionalista, ativa e concreta. Mas, encontram como obstáculo as direções sindicais e populares, atreladas à defesa do governo Lula/Alckmin, que mantêm a paralisia e se recusam a organizar greves, ocupações, bloqueios, manifestações e enfrentamentos de rua que pudessem impor ao governo, com a força coletiva das massas organizadas, a partir das fábricas e bairros, que rompa já com todos os acordos entre Brasil e Israel. Não é por acaso, portanto, que atos foram esvaziados e apenas “simbólicos”, que servem à denúncia e à solidariedade; mas não avançam no sentido de estrangular o sionismo e obrigar o governo a romper, imediata e incondicionalmente, com Israel.

Não se pode silenciar, nem perante a demagogia governista, nem perante o imobilismo cúmplice de direções sindicais, que acabam fazendo apoio tácito à política do governo Lula, de manter vigentes acordos que sustentam o genocídio. É preciso ainda denunciar e combater o cretinismo parlamentar e eleitoral de partidos e correntes, que não organizam a luta unitária e radicalizada das massas para estrangular o sionismo, em nome do “objetivo principal” do momento de “derrotar eleitoralmente” a extrema direita. ***Que os sindicatos dos***

petroleiros organizem a paralisação do envio de petróleo para Israel! Que a CUT, CTB, Força, CSP-Conlutas, etc. chamem a paralisar a produção de armas e munições, e de qualquer outro produto ou matéria-prima que sejam exportadas para Israel! Que as direções estudantis organizem ocupações massivas de universidades, para que sejam rompidos os acordos acadêmicos com Israel! Que as direções dos movimentos populares organizem ações de massas contra as empresas sionistas em nosso país! A derrota sionista pela luta de classes fortalecerá muito mais o combate à extrema direita que dezenas de promessas e programas eleitorais assumidas pelos candidatos, que são engavetadas ou negociadas com a direita e extrema direita que pouco antes afirmavam combater.

Um passo concreto que dêem as massas exploradas e oprimidas para estrangular as bases econômicas e políticas dos genocidas em nosso país é mais efetivo para avançar no caminho da libertação da Palestina e destruição do sionismo que as declarações demagógicas e declamações programáticas abstratas, à margem das necessidades e bandeiras que possam levar à derrota do sionismo e do imperialismo no Brasil. É com os princípios, programa, métodos e táticas conquistados pelo proletariado mundial na luta contra burguesia mundial, que será possível que esses passos avancem ao objetivo de conquistar a autodeterminação e fazer da Palestina uma e livre, do rio ao mar, um pilar na luta dos oprimidos pela expulsão do imperialismo, da transformação revolucionária das relações de propriedade, e dar passos à conquista dos Estados Unidos Socialistas de Oriente Médio. A vanguarda que se apoie nas tendências de luta das massas e traduza seu instinto revolucionário em programa e estratégia socialistas poderá estar à frente dessa tarefa, e abrir caminho à paz verdadeira.

